

## **MÍDIA NINJA: O JORNALISMO PARTICIPATIVO, COLABORATIVO E O CIBERATIVISMO NAS REDES SOCIAIS**

LUIZ RICARDO GOULART HÜTTNER<sup>1</sup>; MICHELE NEGRINI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – luizricardohuttner@gmail.com*

<sup>2</sup>*Univiersidade Federal de Pelotas – mmnegrini@yahoo.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

A colaboração de conteúdo na internet tem se intensificado com as possibilidades geradas pelas novas tecnologias da comunicação. A web 2.0, diferentemente da sua versão anterior, potencializou e montou novos cenários no jornalismo atual. Nesta onda de protestos, que tiveram seu início no começo de 2013, as notícias não foram somente noticiadas pelos veículos de comunicação de massa, outras formas de informação puderam ser percebidas e ganharam destaque. A participação colaborativa teve papel fundamental para a divulgação de mais detalhes do que ocorria por todo o Brasil. Pela grande dimensão das ocorrências de atos, espalhados pelo país, a cobertura da grande imprensa, foi questionável em relação à imparcialidade e ao foco das coberturas. Surgem assim, diversas vozes além da tradicional mídia de massa. A Mídia Ninja surge para mostrar “aquilo que a grande mídia não noticia”, ou seja, o que acontecia por dentro das manifestações.

Com o surgimento das redes sociais na Internet (RECUERO, 2009), graças ao advento da Web 2.0, que amplia os recursos para a aquisição de informação, para a postagem de informação e a conversação entre os interagentes. Alex Primo explica que, “a Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (PRIMO, 2007). E ainda complementa que “a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática” (PRIMO, 2007).

Hoje, a informação não está somente centralizada nos veículos de comunicação de massa. Parte desta descentralização (ou talvez toda essa descentralização) é ocasionada pela popularização e proliferação dos sites de

rede sociais. Fazer parte de uma rede social na internet é, talvez, uma tarefa básica. Com um e-mail e uma senha, já é possível fazer parte do ciberespaço, tornando-se assim, um usuário em potencial.

Hoje o Facebook, criado no ano de 2004, conta com mais de um bilhão de usuários em todo mundo. No Brasil, o número de usuários deste site de rede social chega a mais de 70 milhões. Pela facilidade do acesso e o fato de muitas pessoas poderem se conectar facilmente, este site proporciona uma nova forma de ativismo: o ativismo nas redes sociais.

Através desses sites de rede social – e aqui em especial o Facebook – é possível haver novas formas de democratizar o acesso à informação e graças a facilidade de produção, recepção e difusão de conteúdos entre os interagentes dessa rede.

As manifestações ocorridas no Brasil – que começaram em julho e se estenderão até meados do mês de outubro – mostraram o quão importante o site Facebook foi para a organização da maioria dos atos nacionais. Foram centenas de mobilizações, em quase todas as cidades brasileiras. A mídia tradicional – os veículos de comunicação de massa – adotaram, logo no começo, um discurso contra os manifestantes. Depois da agressão, praticada por policiais em jornalistas e relatadas – com vídeos, fotos e depoimentos – nas redes sociais, a grande mídia passou a dosar seu discurso.

Nesse cenário de desencontros, a mídia escolheu seu foco e as vozes a serem ouvidas. Neste cenário, surgem as mídias alternativas, que deram voz aos manifestantes. Assim, a Mídia Ninja surge. Ela relata – muitas vezes em tempo real – os atos nacionais nas maiores capitais brasileiras – como Rio de Janeiro e São Paulo.

## 2. METODOLOGIA

A página da Mídia Ninja no Facebook foi analisada para obter os resultados. A página do grupo, que tem como objetivo de fazer narrativas independentes, jornalismo e ação, conta com 217.070 opções “curtir” e 63.942 “pessoas falando sobre isso”. Criada em meados do mês de abril de 2013 (quando alguns protestos já aconteciam em algumas capitais, como Porto Alegre), a página ganhou grande repercussão depois de fazer a cobertura da maioria dos grandes atos das grandes capitais, levando uma informação diferenciada, uma informação que mostrava todos os lados.

A cobertura, feita em tempo real, fez com que, rapidamente, a Mídia Ninja ocupasse um espaço de grande visibilidade na mídia nacional. O exemplo da postagem feita no dia 11 de junho (na semana dos grandes atos nacionais), com o título “Polícia ataca manifestantes no terminal Parque Dom Pedro”, é um claro exemplo de como a Mídia Ninja atingiu um público grande, o

que para uma mídia alternativa e colaborativa, é um número grande. Foram 314 opções “curtir”, 56 comentários e 642 compartilhamentos. O número elevado de compartilhamentos, o recurso que mais contribui para a difusão da informação, pode atingir mais de 1 milhão de pessoas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observando a crescente visibilidade que a Mídia Ninja atingiu, podemos afirmar que ela, mesmo sendo uma mídia alternativa, pautou vários veículos de comunicação de massa, chegando a ser referência de alguns telejornais nacionais. Fica evidenciada a importância que ela ganhou nas manifestações de 7 de setembro, quando a Rede Globo, fez o uso de uma câmera móvel do meio das manifestações, se apropriando de recursos já utilizados pela mídia alternativa.

Em pouco tempo no ar, a Mídia Ninja conseguiu ganhar uma grande visibilidade, não somente de interagentes da rede, mas também por aqueles veículos de comunicação tradicional, como rádios, canais televisivos e jornais. Vários protestos, marcados por manifestantes, foram difundidos pela página e outros também foram criados, como a Marcha do Vinagre, realizada em Brasília.

### 4. CONCLUSÕES

As manifestações, ocorridas no segundo semestre de 2013, reativaram um novo tipo de jornalismo e um novo tipo de atitude. O jornalismo participativo e colaborativo encontraram nas redes sociais na internet, um ambiente propício para se reestruturarem. O ativismo por parte dos manifestantes também ganhou uma nova função com o surgimento do ciberativismo, aquele ativismo que começa na internet e se perpetua para fora da Rede.

Hoje percebemos que uma notícia pode ser descentralizada, partindo não dos meios tradicionais e de massa, mas sim de meios alternativos e até mesmo do próprio cidadão. Como afirmam Henrique Antoun e Fábio Malini,

“a notícia, que sempre esteve atrelada àqueles que detinham a capacidade de irradiar informação, hoje está em todos os lugares virtuais, que se comportam cada vez mais como mídias de multidão (*multi-mídia*), ou seja, mídias cujas produções se dão de forma articulada e cooperativa, cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos, que ao mesmo tempo, são mídias para outros públicos” (ANTOUN e MALINI, p. 8, 2010).

Quanto ao ativismo, ele encontra nas redes sociais na internet, um modo novo de se formular. No ciberativismo as atividades de mobilização social se potencializam, pois na Rede os custos e o tempo são menores, além de poder reunir diferentes pessoas dos mais variados lugares do País. Através das redes sociais na internet, os ativistas ganharam um suporte onde podem difundir

informações, reivindicar sem mediação, buscar apoio, mobilizar para uma causa, criar espaço para discussão, organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line (RIGITANO, 2003).

E assim, com a popularização das redes sociais na internet, a possibilidade de uma mobilização em massa pode acontecer mais facilmente. Assim,

“É possível que a Internet se constitui uma ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas, já que facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações ‘alternativas’ sobre qualquer assunto. Sendo assim, indivíduos, movimentos e organizações fundam, a partir do uso da Internet, o chamado ciberativismo, ativismo digital ou ativismo on-line” (RIGITANO, p. 3, 2003).

Com todos os acontecimentos que marcaram o ano de 2013, podemos perceber a retomada de um ativismo nacional, um ativismo, que com a popularização dos sites de rede social, se transformou em um ciberativismo. O conceito de jornalismo participativo e colaborativo ganha novos contornos, e novos desafios são abertos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura, do XIX Encontro da Compós, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2010. Acessado em 10 out. 2013. Disponível em: [http://compos.com.puc-rio.br/media/qt1\\_henrique\\_%20antoun\\_%20f%E1bio\\_malini.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/qt1_henrique_%20antoun_%20f%E1bio_malini.pdf)

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Acessado em 10 jun. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>

RECUERO, Raquel. **"Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais**. Trabalho apresentado no 9º SBPJorn, Rio de Janeiro, 2011. Acessado em 27 set. 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorrecuero.pdf>

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIGITANO, Maria Eugenia C. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. Trabalho apresentado no I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades, FACOM-UFBA, 2003. Acessado em 10 out. 2013. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>